

COMUNICAÇÃO, INTERSECCIONALIDADE E A PROMOÇÃO DA IGUALDADE ÉTNICO-RACIAL

Dione Moura (UnB)¹
Kelly Quirino (UnB/UCB)²
Clarissa Motter (UCB)³

A proposição deste dossiê surgiu a partir do impacto positivo do Seminário Comunicação, Interseccionalidade e a Promoção da Igualdade Étnico-Racial, realizado como pré-evento do Congresso de Comunicação e Política (Compólitica) que ocorreu na Universidade de Brasília em maio de 2019. Foi um seminário organizado por iniciativa da recém doutora Kelly Quirino e coorganizado pela professora Dione Moura. Tendo em vista o lugar destinado às mulheres negras na sociedade brasileira que, tal como aponta Lélia Gonzalez, é marcado pelas representações da mulata e da doméstica, o objetivo do evento era o de dar visibilidade às pesquisas construídas por mulheres negras, enfatizando o enfrentamento a essas representações estereotipadas. É contra estes lugares historicamente destinados às mulheres negras que pesquisadoras ingressam na universidade para produzirem conhecimento, formar novas e novos profissionais e pensadores e criarem uma epistemologia afrorreferida a partir da união deste mulherio.

¹ Dione Moura é doutora em Ciências da Informação. Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília (UnB). E-mail: dioneoliveiramoura@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0003-2857-3284>

² Kelly Quirino é doutora em Comunicação. Professora da Universidade Católica de Brasília (UCB). E-mail: kely_tatiane@yahoo.com.br | <https://orcid.org/0000-0002-1843-403X>

³ Clarissa Motter é doutora em Comunicação. Professora da Universidade Católica de Brasília (UCB). E-mail: claris.motter@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0002-5242-6922>

Os conceitos elaborados por Lélia Gonzalez são fundamentais para compreender, primeiro, a realização do Seminário e, depois, a construção deste dossiê, o que deu-se por chamada pública da Revista Esferas. Pensar a ciência é pensar a partir de conceitos que já foram criados por quem nos antecedeu. E, neste caso específico, é uma ancestralidade negra que forma, nutre e move mulheres negras pesquisadoras a pensarem e saírem deste lugar histórico que visa aprisionar. Nesse sentido, o campo da Comunicação é base estruturante para repensar práticas discursivas e narrativas que sejam cada vez mais plurais e acolhedoras com as mulheres negras.

O dossiê *Comunicação, Interseccionalidade e a Promoção da Igualdade Étnico-Racial* nasce então deste olhar sobre o mundo, sobre as sociedades e sobre a academia. E por que Interseccionalidade? Porque abrange as opressões que mulheres negras vivenciam nos atravessamentos identitários de gênero, raça e classe. Interseccionalidade é um conceito criado pela teórica afroestadunidense Kimberlé Crenshaw em 1989, após identificar, por meio de entrevistas, as dificuldades que as mulheres negras encontravam para conseguirem emprego e se manterem empregadas. A constatação de serem mulheres e negras era condição que as impediam de acessar o direito ao trabalho.

O conceito foi incorporado dentro dos estudos de raça e gênero e atualmente teóricas como Patricia Hill Collins, Bell Hooks e Angela Davis também ratificam por meio de suas obras o uso da interseccionalidade para compreender as opressões que as mulheres negras vivenciam. Lélia Gonzalez, no Brasil, nas décadas de 1970 e 1980, ainda que não tenha criado o termo, já problematizava que o entrecruzamento de raça, gênero e classe tornava as mulheres negras mais vulneráveis e, por isso, contribuiu de forma significativa para criações de coletivos de mulheres negras como Criola, no Rio de Janeiro.

Já o cruzamento entre estudos interseccionais e promoção da igualdade étnico-racial permite compreender a Comunicação como uma aliada na luta antirracista e por equidade. Em 2020, vivemos uma pandemia global que ceifou a vida de milhares de pessoas. Também neste ano, George Floyd foi asfixiado por oito minutos até a morte. No meio de uma pandemia, milhões de pessoas no mundo se uniram ao movimento *Black Lives Matter* para denunciar o racismo, lutar para a promoção da igualdade racial e se juntarem ao movimento antirracista. Isso tem mostrado que abordar raça e etnia não é uma questão restrita às pessoas negras e populações indígenas. Assim como gênero não é algo só para as mulheres. Para construção deste dossiê, três pesquisadoras, duas negras e uma

branca se uniram para arquitetar este trabalho, desde uma práxis na qual negras/os e brancas/os unem-se à luta antirracista, utilizando-se dos meios de comunicação para ganhar visibilidade e produzir conteúdo e conhecimento.

É, então, na esteira deste pensamento que os artigos deste dossiê discutem interseccionalidade na perspectiva do feminismo negro e afrolatinoamericano, dos movimentos para a construção de memórias coletivas relativas às populações marginalizadas, bem como a representatividade racial na televisão, no cinema, no jornalismo e na publicidade e seus entrecruzamentos com as mídias digitais.

Cabe destacar aqui a entrevista com a Professora Eugenia McGill, da Columbia University, disponibilizada em língua inglesa, a qual aborda as políticas públicas de gênero e a importância deste tema na pesquisa acadêmica, na sociedade e no contexto global. McGill abre o dossiê pontuando a necessidade de um olhar mais atento da sociedade sobre o quanto as questões de gênero implicam, em grande parte, em desigualdades e injustiças nos mais diversos países. O desafio proposto pela professora e pesquisadora é o de construir uma agenda global para erradicar desigualdades em todo o mundo, especialmente entre mulheres negras, indígenas e periféricas.

Em sequência, o artigo de Antonino Condorelli e Maria do Socorro Veloso, discute o ativismo literário a partir da análise da plataforma Diálogos Insubmissos de Mulheres Negras, propondo uma reflexão sobre o papel da comunicação digital no combate ao epistemicídio de mulheres negras. O pensamento feminista também é tema de pesquisa para Eduardo Gomor dos Santos, que busca identificar no rap brasileiro elementos de autodefinição das mulheres negras, associados à criação de novas epistemologias que reforcem a construção da imagem das *rappers* como intelectuais legítimas. Já Ana Carolina Rocha Pessoa Temer e Lucas Lustosa de Brito enfatizam a possibilidade de resistência negra nas narrativas televisivas a partir de uma revisão bibliográfica sobre a temática, com destaque para o programa *Espelho*, do Canal Brasil.

Em *Representatividade racial: da tela do Jornal Nacional para discussões na internet*, Valquiria Kneipp e Taianne de Lima Gomes retomam as reflexões sobre representatividade na televisão, articulando-a à repercussão na internet sobre a primeira jornalista negra no Jornal

Nacional. Como resultado do estudo de caso, ressalta-se a importância das mídias digitais para o fortalecimento da discussão sobre representatividade racial, tendo em vista a ausência da população negra na bancada do Jornal Nacional ao longo de sua história.

O dossiê prossegue com a reflexão sobre os discursos feministas nas mídias digitais e seus recortes de raça. Adriano Ferreira Resende, Bibiana de Paiva Terra e Cícero Krupp da Luz utilizam-se do conceito de interseccionalidade para destacar a hierarquização de opressões nos debates que envolvem machismo e racismo na internet, tendo como plano de fundo para a discussão o ocorrido na vigésima edição do *reality show* Big Brother Brasil.

Por sua vez, o artigo *Ponte Jornalismo e Alma Preta: mídia independente, Direitos Humanos e igualdade racial*, de Viviane Gonçalves Freitas e Cecília Bizerra Sousa, destaca-se por investigar o papel do jornalismo independente na luta pelos Direitos Humanos no Brasil, especialmente no que se refere à população negra, enfatizando a construção de um jornalismo ativista e humanizado.

As relações entre estudos interseccionais e publicidade aparecem em sequência, no trabalho de Ana Paula Bragaglia, Pedro Henrique Conceição dos Santos e Samara Sanches Brochado. O artigo investiga a ideia de representatividade negra associada à campanha publicitária da empresa Trivago, de 2019. Embora identificando alguns avanços em relação à temática, os resultados de pesquisa apontam para a continuidade da segregação de imagens de pessoas negras na campanha analisada e na publicidade de uma forma mais ampla. Diogo Rógora Kawano e Leandro Leonardo Batista também discutem a presença negra na publicidade em uma análise da atenção visual aos modelos negro e branco na campanha publicitária *Gente boa também mata*. O estudo, realizado por meio de técnica de rastreamento ocular (*eye tracking*), mostrou diferenças entre a atenção dada às etnias nas quatro versões da campanha.

Em *“Bichas pretas” na disputa por representatividade midiática*, o estudo sobre as narrativas digitais é retomado a partir da interseção entre homofobia e racismo. Diego Cotta e Renata Rezende analisam doze canais do YouTube para refletir sobre o uso desta plataforma como forma de resistência de sujeitos oprimidos pela heteronormatividade e pelo racismo.

O cinema é objeto de estudo dos artigos *Raça e gênero em Pantera Negra: um olhar decolonial sobre Okoye* e *Além do estereótipo: uma análise da personagem Mãe Santinha do filme O maior amor do mundo*. Mayka Castellano e Pollyane Belo analisam a personagem Okoye, no longa *Pantera Negra* (Ryan Coogler, 2018) com o objetivo de identificar na narrativa possíveis artifícios estéticos que desafiem as formas coloniais de representação de mulheres negras. No artigo seguinte, Sandra Straccialano Coelho e Taíssa Dias da Silva trazem para primeiro plano as representações sobre as mães de santo no cinema, a partir de um estudo sobre a personagem Mãe Santinha do filme brasileiro *O maior amor do mundo* (Diegues, 2006). O trabalho dialoga com os estudos de recepção cinematográfica para identificar possibilidades de leitura que remetem ao protagonismo das sacerdotisas negras.

O prêmio “Educar para Igualdade de Gênero” é tema de pesquisa de Ana Helena Ithamar Passos e Paola Diniz Prandini. Utilizando-se dos princípios da educomunicação, as autoras desenvolvem um estudo de caso de três práticas pedagógicas premiadas e que envolvem o combate ao racismo e a desigualdade de gênero no Brasil.

Por fim, encerramos o dossiê com os artigos *TA NI N’S?R?? O olhar para a temática quilombola nas pesquisas em Comunicação*, de Danilo Borges e Giovana Borges Mesquita, e *Representação e preservação de memórias coletivas no documentário interativo Projeto Quipu*, de Urbano Lemos Jr e Vicente Gosciola. O primeiro trabalho investiga o campo da comunicação no que se refere à temática quilombola, a partir de pesquisa bibliográfica e documental realizada no catálogo de teses e dissertações da Capes e produzidas entre 2000 e 2018. O segundo trata do documentário interativo Projeto Quipu, repositório de memórias de uma comunidade peruana impactada por ações políticas na década de 1990, buscando compreender a relação entre produções documentais em ambiente virtual e preservação de memórias coletivas.

A Revista Esferas, com o dossiê *Comunicação, Interseccionalidade e a Promoção da Igualdade Étnico-Racial* compreende que os estudos aqui apresentados, selecionados pelo corpo de pareceristas, são de extrema relevância diante da luta histórica por equidade étnico-racial e de gênero, luta esta que se mantém cada vez mais forte e necessária frente às violências que ainda persistem. Estamos certas/os de

que as pesquisas aqui apresentadas contribuirão de forma significativa para a reflexão, discussão, conscientização e diálogo entre sociedade e academia no que se refere à temática abordada.

Agradecemos a todas/os as/os pesquisadoras/es e parceiras/os que de alguma forma contribuíram com este dossiê, dentre autoras/es, avaliadoras/es, docentes e discentes das mais diversas instituições de ensino, do Brasil e do exterior. Desejamos uma excelente leitura e aspiramos que os estudos selecionados estimulem não só um olhar crítico sobre a marginalização de discursos, imagens e protagonismos, como também incentivem a valorização e promoção de vozes historicamente silenciadas e apagadas pelas mídias.